

História, consolidação e expansão: as transformações dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil

*History, consolidation and expansion:
the transformations of radio and sound media studies in
Brazil*

*Historia, consolidación y expansión:
las transformaciones de los estudios de radio y medios
sonoros en Brasil*

Mágda Cunha

Resumo

O objetivo deste texto é analisar os estudos sobre rádio e mídia sonora a partir de três fases: a recuperação da história, a consolidação e a expansão a partir da relação com as tecnologias contemporâneas de comunicação. São considerados os últimos 30 anos, sob a liderança do GP Rádio e Mídia Sonora. A perspectiva proposta parte do princípio de que estes três eixos definem a trajetória das investigações na área e estabelecem uma relação relevante com o ecossistema de mídia. Na tentativa científica de cercar o objeto, em um ambiente dinâmico de transformações, os pesquisadores estabelecem momentos de resistência e reposicionamento dos estudos.

Palavras-chave: Rádio; ecologia dos meios; Intercom; GP Rádio e Mídia Sonora.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 31/07/2021 aceito em: 6/10/2021.

>> **Como citar este texto:**

CUNHA, Mágda. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p.30-46, maio/ago. 2021.

Sobre a autora

Mágda Cunha

mrcunha@pucrs.br

<https://orcid.org/0000-0002-9873-2925>

Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984), mestre em Comunicação Social (1997) e doutora em Linguística e Letras (2001), pela mesma universidade. Professora titular da PUCRS, onde atuou em gestão, como coordenadora de lato-sensu e do curso de Jornalismo, vice-diretora e diretora da Faculdade de Comunicação Social, assessora para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais e pró-reitora Acadêmica, com responsabilidade, no período, pela Graduação e Pós-Graduação. Na pesquisa e na docência em comunicação, tem especial interesse por temas relacionados às tecnologias e os sujeitos conectados, sob a perspectiva do consumo e do uso, no ecossistema da mídia. Realiza investigação também sobre o rádio neste mesmo ambiente. Atualmente, é coordenadora de pesquisa da Escola de Comunicação, Artes e Design, da PUCRS, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É líder do Grupo/CNPq intitulado Comunicação, Tecnologia e o Sujeito Conectado.

Abstract

The aim of this text is to analyze studies on radio and sound media from three phases: the recovery of history, consolidation and expansion based on the relationship with contemporary communication technologies. The last 30 years are considered, under the leadership of GP Rádio e Mídia Sonora. The proposed perspective assumes that these three axes define the trajectory of investigations in the area and establish a relevant relationship with the media ecosystem. In the scientific attempt to surround the object, in a dynamic environment of transformation, researchers establish moments of resistance and repositioning of studies.

Keywords: Radio; media ecology; Intercom; Radio and Audio Media RG

Resumen

El objetivo de este texto es analizar los estudios sobre la radio y los medios sonoros desde tres fases: la recuperación de la historia, la consolidación y la expansión a partir de la relación con las tecnologías de la comunicación contemporáneas. Se consideran los últimos 30 años, bajo la dirección de GI Rádio e Mídia Sonora. La perspectiva propuesta asume que estos tres ejes definen la trayectoria de las investigaciones en el área y establecen una relación relevante con el ecosistema mediático. En el intento científico de rodear el objeto, en un entorno dinámico de transformación, los investigadores establecen momentos de resistencia y reposicionamiento de estudios.

Palabras clave: Radio; ecología de los medios; Intercom; GI Radio y Medios Sonoros.

Introdução

A observação dos estudos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, na data em que o grupo completa 30 anos, proporciona a análise da evolução das pesquisas em torno do tema e suas transformações no ecossistema da mídia. A reflexão aqui proposta localiza, nesta trajetória, três eixos: história, consolidação e expansão. Tais aspectos permitem afirmar que o trabalho do Grupo estabeleceu uma conversação com os diferentes momentos da história, descrevendo a relevância e a memória do rádio, sem deixar de consolidar os estudos em um cenário de intensas mudanças. Além da vivência da autora em boa parte dessa trajetória, optamos neste texto pela consulta a levantamentos

realizados e publicados por integrantes do Grupo de Pesquisa, envolvendo trabalhos apresentados, teses e dissertações, cartografias dos objetos, perspectivas teóricas e avaliações sobre o futuro.

Destacamos os levantamentos periódicos que recuperam as temáticas das investigações. Portanto, indicamos que os estudos nascem como forma de resistência e por isso têm forte interesse na memória do rádio, especialmente apoiadas pela quase inexistência de estudos, se comparados a outros meios de comunicação. Há uma fase intermediária que, ao reler teorias já elaboradas e construir novas abordagens teóricas, consolida os estudos e fortalece a pesquisa para então estabelecer o seu lugar num ecossistema midiático altamente complexo, especialmente pelas transformações tecnológicas e apropriação dos canais pelo público.

Tomando como base autores que abordam a Ecologia da Mídia, detectamos que as investigações marcam seu espaço adaptando-se permanentemente ao ecossistema. Inferimos que registrar a história e manter a memória foi uma forma de resistência às mudanças que começavam a se mostrar significativas no início dos anos 90. A própria criação do então Grupo de Trabalho Rádio da Intercom pode ser considerada uma evidência. Na sequência, as investigações mantêm o interesse pela história, mas ampliam os horizontes para observar e analisar os produtos radiofônicos e suas conexões com a audiência e os formatos de linguagem. Num terceiro eixo, emergem os estudos que compreendem rádio e mídia sonora como presença em múltiplas plataformas, mas com origem direta nas mídias sonoras. O movimento das investigações pode ser considerado, em certa medida, natural e resultante das alterações do ambiente de mídia. De outra parte, a manutenção dos estudos baseados na memória e centrados no próprio rádio poderia ter desenhado um cenário de estagnação. Os estudos manteriam sua relevância, mas localizados em um período da história. Os pesquisadores analisaram o contexto e, na perspectiva da ecologia, aceitaram os cruzamentos que levam ao equilíbrio e reequilíbrio, constantes na história.

Nesse movimento, dialogam com o pensamento de Postman (2000), o primeiro estudioso a apresentar publicamente o conceito de Ecologia da Mídia. O autor explica que, na Biologia, o meio é definido como uma substância em que a cultura se desenvolve. Substituindo a palavra substância por tecnologia, a definição aponta para os princípios da ecologia da mídia. O meio é a tecnologia pela qual a cultura se desenvolve, dá forma à cultura política, à organização social e aos modos cotidianos de pensar, aponta Postman (2000). A palavra mídia, na frente do termo ecologia (Media Ecology, em inglês), sugere não apenas o interesse em mídia, mas nas formas de interação entre a mídia e os seres humanos, que caracterizam a cultura e auxiliam na manutenção de um simbólico equilíbrio.

A origem da Ecologia da Mídia, mesmo tendo Postman institucionalizado estes estudos como campo científico, está no pensamento de McLuhan (1964) com a conhecida afirmação "o meio é a mensagem". A ênfase de McLuhan nos efeitos da mídia, ressalta Strate (2008), levou alguns de seus críticos a rotular sua abordagem como determinismo tecnológico. Reconhecendo as contradições do conceito, o mesmo autor afirma que o entendimento da mídia como um ambiente é o antídoto para o pensamento em termos de causa e efeito nas relações. Como ambiente, a mídia não determina as ações, mas define possibilidades, facilita certas ações e desencoraja outras.

Santaella (2010) discute os riscos de a metáfora da ecologia ser usada de maneira rígida, podendo sugerir determinismo tecnológico. "Com a devida precaução, seu uso pode ser bastante eficaz para a caracterização do crescimento da diversidade midiática" (SANTAELLA, 2010, p. 15). Não deve causar espanto, pensa a autora, o uso da metáfora ecológica pela comunicação, uma vez que a história da humanidade se confunde com a história do aparecimento contínuo de novas mídias comunicacionais. Das escritas ao alfabeto, à prensa manual e depois mecânica, com a fotografia, o telégrafo, o jornal, o telefone, o cinema, o rádio e assim por diante. Este ciclo é citado pela autora como uma constituição progressiva, cuja intensificação

ocorre a partir do que define como revolução digital. E, de fato, as camadas que constituem o ecossistema de mídia e conseqüentemente seus estudos, tornam-se mais complexos a cada etapa. Somam-se uns aos outros na resolução de problemas demandados pela sociedade.

Strate, Braga e Levinson (2019) explicam que a palavra ecologia implica o estudo de ambientes, estrutura, conteúdo e impacto sobre as pessoas. Ao introduzirem os princípios da teoria, os autores indicam que qualquer ato comunicacional está necessariamente situado em um suporte material que formata/configura a mensagem e a própria atividade comunicativa. Por isso, explicam que analistas da vertente ecológica das mídias estão menos interessados na eficiência do computador como ferramenta de ensino ou comunicação do que na alteração que promove no significado das coisas.

Apoiados no pensamento de Logan (2002), Strate, Braga e Levinson (2019) descrevem que a estrutura da linguagem caracteriza, em grande parte, o modo como as pessoas organizam informações e desenvolvem ideias. Concluem que a linguagem é, ao mesmo tempo, meio de comunicação e ferramenta informática (sistema de processamento de informação). Ainda a partir de Logan (2002), indicam que embora as seis linguagens – fala, escrita, matemática, ciência, informática e internet – sejam únicas em seus próprios vocabulários e gramáticas, estão relacionadas por formarem uma corrente evolutiva de linguagens, distintas e interdependentes. Neste processo, cada nova forma de linguagem emerge pela necessidade de lidar com a quantidade de informação excedente, impossível de ser expressa pela forma anterior e a mais recente seria derivada e conteria elementos das formas anteriores.

Ao discutir os estudos sobre ecologia da mídia, Scolari (2015) aponta que as teorias da comunicação têm sido classificadas de diferentes maneiras. O autor propõe uma nova classificação: as teorias generalistas e as teorias especializadas. As generalistas, aponta, se propõem a construir quadros integradores ou globais de todos os processos que afetam o mundo da comunicação. Mesmo reconhecendo que é impensável uma teoria que explique tudo, Scolari (2015) defende a possibilidade de algumas construções teóricas

para integrar e gerar um modelo explicativo de maior alcance. As teorias especializadas têm foco em um aspecto ou processo determinado da comunicação e deixam outros fora do modelo explicativo. A ecologia dos meios está entre as teorias generalistas, de acordo com Scolari (2015), uma vez que se propõe abarcar todos os processos de comunicação, desde as relações dos meios com a economia, até as transformações perceptivas e cognitivas dos sujeitos a partir de sua exposição à comunicação.

Nos cruzamentos propostos pelos estudos radiofônicos, nos últimos 30 anos, constrói-se um conjunto de investigações que permite conhecer tanto o rádio quanto as demais mídias sonoras e mesmo a sua expansão em tecnologias após o desenvolvimento da internet. As pesquisas, embora ainda tenham desafios a cumprir, dão conta de demonstrar as diferentes relações estabelecidas de uma forma generalista, mas com solidez para geração de teorias importantes, que acompanham as mudanças tecnológicas e sociais do rádio e das mídias sonoras.

Se, em sua fase inicial, os estudos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom voltam-se para a história, foi pela convivência em um ambiente de protagonismo que assumiam as investigações sobre a televisão e a tradição de estudos em torno da mídia impressa. As pesquisas procuram localizar as camadas anteriores referentes à mídia e suas conexões. Gradativamente, somam variáveis que constituem o papel radiofônico no ambiente social e acadêmico. Consideram as transformações da linguagem e posicionam o rádio neste contexto, marcando suas características primeiras e fundantes que mais tarde vão dar origem a outros ambientes sonoros de comunicação. O ecossistema muda, conforme apontam os autores, e as linguagens emergem pela impossibilidade dos formatos de darem conta do excedente de informação, mesmo que carreguem consigo características uns dos outros.

Os estudos no ecossistema da mídia

Haussen (2004) aponta, em estudo sobre o período de 1991-2001, que a produção sobre rádio vinha sendo relatada como de menor destaque em relação a outros meios de comunicação de massa, como jornal ou televisão. Ao mesmo

tempo, salienta que não existia um levantamento completo comprovando efetivamente esta afirmação e que demonstrasse os principais focos de análise sobre o veículo. A pesquisadora realiza nesse texto o levantamento a partir de livros, teses, dissertações e artigos publicados em revistas da área e justifica sua escolha ao citar obra já existente intitulada *O rádio no Brasil* (1991; 2001, 2ª edição), organizada por Sonia Virginia Moreira e Nélia Del Bianco. Haussen (2004) também cita o trabalho realizado por Del Bianco e Zuculoto (1996) sob o título "Memória do GT Rádio da Intercom: seis anos em defesa do rádio (1991-1996)". A pesquisadora relata a preponderância das investigações voltadas à história do rádio na fase inicial, a produção relacionada à política e posteriormente um retorno ao interesse em recuperar a história, mesmo localizando, no conjunto, outros temas como a política, o radiojornalismo ou a recepção. O próprio trabalho mais referenciado de Haussen (1997), *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*, é uma abordagem histórica sobre os usos políticos do veículo pelos dois presidentes latino-americanos. Trata-se de uma pesquisa histórico-descritiva, apoiada em fontes documentais e bibliográficas.

Haussen (2004) localiza ainda, em sua busca, estudos voltados à tecnologia, às rádios comunitárias e livres, linguagem radiofônica, radialistas e radionovela. Os temas elencados pela autora apontam mais uma vez a preocupação dos investigadores com a história, mas também com uma categorização à qual o rádio estava relacionado. Interpretamos a busca pelo registro como a defesa de um veículo que, no ecossistema da mídia, não vinha recebendo a devida atenção. Isto fica evidente também quando nos primeiros seis anos do então GT de Rádio da Intercom, Del Bianco e Zuculoto (1996) intitulam seu trabalho como uma defesa do rádio.

A fase inicial dos estudos em torno dos fenômenos digitais, em certa medida, faz com que autores busquem reforçar a importância das mídias já existentes. Os estudos radiofônicos, ao tentarem demonstrar a relevância do rádio, alinham-se, na perspectiva aqui analisada, com este intento. Em períodos de ruptura e mudança, a primeira reação é de desconfiança para muitos. O

próprio rádio viveu, em seus momentos primeiros, o estranhamento relatado por Sevcenko (1998). Os indivíduos partem, cada um de seu isolamento real, e se encontram nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética,

... nessa voz sem corpo que sussurra suave, vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar, repousando sobre uma toalhinha de renda caprichosamente bordada e ecoando no fundo da alma dos ouvintes, milhares, milhões, por toda parte e todos anônimos. (SEVCENKO, 1998, p. 585).

Acrescenta que cada um põe naquela voz o rosto e o corpo dos seus sonhos e como o som se transmite pelo espaço, onde quer que se ande pela casa, aquela voz vai atrás. Antes, todas as pessoas tinham uma voz incessante que lhes falava de dentro do corpo, que os teólogos e filósofos chamavam de consciência.

E é a chegada de um novo milênio que Moreira e Del Bianco (2001) entendem como propício a profecias. No início do século XXI, o futuro dos meios de comunicação de massa tem sido um dos objetos preferidos dos profetas de plantão. A revolução da informática e a digitalização dos mais diversos tipos de informação – voz, dados, som, texto e imagens – abrem caminhos para a convergência dos meios de comunicação, enquanto não faltam previsões sobre o fim do rádio. As pesquisas apontam, segundo as autoras, para a renovação do rádio tanto nos processos de produção de conteúdo, quanto nos sistemas de transmissão e recepção. Isto é consequência das mudanças tecnológicas que afetam inexoravelmente a implantação do sistema de transmissão digital e a interface com a internet e outras mídias sem fio.

Scolari (2020) aponta que a emergência de novos meios digitais e interativos é a grande novidade desde a primeira página web em 1991, mas relembra que poucos investigadores se animaram a trabalhar com objetos digitais, em uma fase inicial. Trinta anos depois a web se converteu no ambiente da maior parte das experiências midiáticas digitais. Nos últimos anos, começam a aparecer, segundo o autor, novidades fora do entorno web, sob a forma de aplicações móveis como WhatsApp, TikTok, entre outros.

No mundo anterior à web, as principais experiências de mediação se davam na mídia impressa, rádio e televisão. Agora, o espectro de meios, processos e experiências é enorme. A crescente complexidade do ecossistema da mídia,

que corre paralelamente à complexidade da vida social, é talvez a característica distintiva de nosso tempo. ⁴ (SCOLARI, 2000, p.176).

A consolidação

Após uma fase em que recuperar a memória para definir a relevância dos estudos se fez importante, este interesse permanece no contexto em que o grupo se consolida. Trata-se de um momento em que não existe mais a necessidade de defesa das origens da mídia sonora, mas de um posicionamento em um ecossistema no qual o rádio encontra mais uma vez o seu papel. Alguns eventos, entre tantos, podem ser considerados exemplares desta consolidação.

Prata (2015) recorda que em 2007, durante a reunião anual do GP, no congresso de Santos, na gestão de Luiz Artur Ferraretto, nasce o que a autora considera um projeto audacioso e inédito do grupo de pesquisa da Intercom: a Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil. A pesquisadora cita a ideia de Ricardo Medeiros a partir da qual o grupo decidiu questionar o Ministério das Comunicações acerca da tecnologia e dos métodos que seriam utilizados na implantação do rádio digital no Brasil. A Carta foi assinada por 72 pesquisadores de 14 estados brasileiros, amplamente divulgada em todo o país e trouxe desdobramentos inclusive em manifestações do então ministro Hélio Costa.

Lopez e Mustafá (2012) analisam o conteúdo de teses de doutorado sobre o rádio e observam uma alteração no perfil de pesquisas em rádio no Brasil. Citam que o rádio esportivo e a ligação entre rádio e religião não haviam sido trabalhados nos primeiros 13 anos analisados, mas apresentaram um crescimento gradual, embora modesto. Apontam também que o campo da comunicação radiofônica comunitária e livre teve uma variação crescente e constante, sendo um dos assuntos de destaque. E, de fato, as rádios comunitárias, tiveram momento de expansão no país e são, em certa medida, uma reação do rádio às transformações que começam a surgir nas últimas

⁴ No original: “En el mundo anterior a la web las principales experiencias de mediatización se daban en los medios impresos, la radio y la televisión. Ahora el espectro de medios, procesos y experiencias es enorme. La creciente complejidad del ecosistema mediático, que corre paralela a la complejización de la vida social, es quizá el rasgo distintivo de nuestro tiempo”.

décadas do século XX.

A releitura das teorias e a maturidade

A consolidação acadêmica ocorre certamente, entre outros fatores, pela releitura de teorias já elaboradas e construção de novas abordagens teóricas. Se na fase inicial a produção sobre rádio era considerada com menor destaque, a edição dos volumes *Teorias do Rádio I* (organizado por Eduardo Meditsch) e *II* (organizado por Meditsch e Valci Zuculoto) marcam a maturidade dos estudos. Meditsch (2005) define o trabalho como um empreendimento científico bastante consolidado para o que algumas décadas antes era uma aventura de uns poucos abnegados e insistentes autores apaixonados pelo meio. No prefácio do volume I, Cunha (2005) destaca que as obras organizadas recuperam a história, avaliam o futuro e as tendências, diante de um rádio que apresenta sempre novos desafios. Já no prefácio do volume II, Ferraretto (2008) reforça o esforço individual e ao mesmo tempo coletivo, marcas da atuação do grupo.

Em texto apresentado no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, no Congresso da Intercom de 2018, Haussen afirma que há um amadurecimento para a reflexão a respeito da trajetória da pesquisa em rádio no Brasil. Aponta para dois aspectos impulsionadores que são a criação do GT, em 1991, e o crescimento dos programas de Pós-Graduação em Comunicação a partir da década de 90 do século XX. Haussen (2018) relembra a proposta de criação do Grupo por Sonia Virginia Moreira, no congresso da Intercom, do Rio de Janeiro, em 1990, concretizado em 1991, no evento realizado em Porto Alegre, coordenado pela própria Doris Haussen. E se eram poucas as obras a serem destacadas sobre o rádio anteriormente, nos anos 90 começam as defesas de mais teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduação, o que faz avançar, segundo a pesquisadora, a edição de livros e a publicação de artigos sobre rádio.

Nesse trabalho, Haussen (2018) detecta que os textos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2002 e 2010, por sua vez, são outro registro importante desta produção. A autora descreve 309 trabalhos, com predominância sobre a história (101), os que abordaram o rádio, internet e

tecnologias (60), estudos de recepção (33), rádio e educação (31), gêneros radiofônicos (21), radiojornalismo (20), linguagens (19), rádios comunitárias (14) e política (8). A pesquisadora destaca também que ainda há um significativo número de trabalhos envolvendo a história, mas um crescimento do interesse pelas tecnologias e um decréscimo da abordagem sobre políticas. Isto indica, segundo ela, que o registro da memória ainda é importante, mas que há uma atenção para o ambiente tecnológico.

E nesta etapa da reflexão proposta por Haussen, podemos localizar o amadurecimento e consolidação dos estudos sobre rádio e mídia sonora, conforme proposta deste texto. Entendemos que o rádio, após ter sua história registrada, não tem posição acadêmica menos importante e ocupa, juntamente com a expansão da pós-graduação no Brasil, um lugar relevante nos estudos em comunicação. O ecossistema da mídia torna-se mais complexo, somam-se camadas de linguagens, conforme a demanda para dar conta das narrativas, mas o rádio e as mídias sonoras não se situam mais em risco de desaparecimento e sim em expansão. A fase intermediária, entre a demanda por registro da memória e a presença ampliada em outros ambientes, foi de construção teórica e consolidação. Se a fase inicial pode ter sido também interpretada como resistência e defesa, a etapa seguinte é de maturidade.

A fase que interpretamos como expansão encontra evidências no texto de Kischinhevsky et al. (2017). Os autores realizam uma cartografia dos objetos de pesquisa e perspectivas teóricas presentes nos *papers* apresentados nos congressos nacionais da Intercom, no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, de 2001 a 2015. Indicam no texto que, após 25 anos de criação, o GP caminhava para a internacionalização, com reconhecimento em diversos países, especialmente com a responsabilidade de adensar e fazer avançar os estudos na área. Os pesquisadores reconhecem os grandes desafios como as discussões regulatórias, a reconfiguração do mercado e a limitada diversidade de vozes, mas identificam a consolidação dos estudos.

O levantamento dos autores evidencia, 25 anos depois da fundação do GP

da Intercom, segundo a reflexão aqui proposta, um momento voltado de fato à memória, uma fase já de consolidação, especialmente quando são produzidas obras a respeito de teorias do rádio, e posteriormente uma forte relação dos estudos com a tecnologia e suas transformações.

Ferraretto (2010) confirma que o novo rádio que se desenha na primeira década do século XXI difunde-se para além de sua forma hertziana tradicional sem, no entanto, abandoná-la. O autor cita alguns exemplos como os canais de TV por assinatura ou na internet. Ressalta que, no horizonte das pesquisas a respeito do rádio e de outras mídias sonoras deve ser considerado o novo momento de convergência digital, processo iniciado nas últimas décadas do século XX. Ferraretto (2010) elenca categorias importantes que apontam para a história, linguagens, economia política, conteúdos e recepção. O autor considera também, pelo desenvolvimento da internet e da telefonia celular, as possibilidades que passam a ser vivenciadas pelos até então ouvintes na produção de conteúdo.

Os estudos encontram conexão com o que Bolter e Grusin (1999) descrevem como processo de remediação. Os dois autores defendem que os computadores e as redes de computadores remedeiam todos os outros meios existentes, transformando documentos escritos em livros, revistas e jornais, assim como rádio, filmes e televisão em conteúdo multimídia. Nesta perspectiva não há extinção ou surgimento de meios radicalmente novos, mas um processo em que os meios mais recentes integram características dos anteriores, redefinindo a relação entre eles (CANAVILHAS, 2013). O autor trata de uma remediação inversa, na qual os meios anteriores incorporam características dos novos, procurando sobreviver no ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2011). E este é também o período em que o software assume o comando e se transforma na nossa interface com o mundo, com os outros, com nossa memória ou nossa imaginação e passa a ser uma linguagem universal a partir da qual o mundo fala (MANOVICH, 2013).

A mídia se multiplica na vida cotidiana, tornando-se ubíqua, está em todo o lugar e é pervasiva, não pode ser desligada (DEUZE, 2012). O autor argumenta que não há necessariamente relação entre as dimensões tecnológicas e sociais. As relações existentes são claramente estruturais, considerando as máquinas sempre sociais, na mesma medida em que são técnicas e altamente dinâmicas. Viver na mídia, segundo Deuze (2012), não é o mesmo para todos. Descrever a vida na mídia, tomando como base os tipos usados pelas pessoas e como elas desenvolvem atividades através da mídia, é totalmente diferente de definir como todas estas práticas ocorrem ao redor da mídia. Uma vida na mídia é muito mais do que ter uma infinidade de dispositivos eletrônicos à disposição, gastar muito tempo assistindo à televisão ou navegando na web. É executar atividades por intermédio da mídia, é estar envolvido por ela na condição de ambiente. Scolari (2018), ao refletir sobre o grau de complexidade, pondera que as investigações devem considerar um ecossistema, inserindo artefatos, inventores e forças sociais em uma rede sociotécnica de relações, intercâmbios e transformações, para analisá-los de uma perspectiva ecoevolutiva.

Nesse contexto, Kischinhevsky (2012) reconhece a existência de um rádio social com o desenvolvimento de novas práticas interacionais e modalidades de recepção. São, conforme pensa o autor, múltiplas temporalidades e ambiências, que reconfiguram o rádio como instância de mediação sociocultural. Indica ainda que estudos futuros têm o desafio de aferir o poder de mediação deste novo rádio. Trata-se de um meio de comunicação expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais ou portais de música.

A observação da trajetória de transformações do ambiente de mídia sonora confirma o que pensa Cunha (2002) ao apontar que o desenvolvimento do rádio está relacionado à própria evolução da história da comunicação humana e que neste percurso está o seu valor de permanência. Sua atualização ocorre pela relação com o público, que busca o desenvolvimento tecnológico, e por suas constantes modificações para responder às perguntas dos diferentes

horizontes históricos. Tendo a oralidade na base, proporciona tecnologicamente que a voz transmitida acompanhe as pessoas. Se, inicialmente, esteve associado a móveis pesados, com o transistor se aproxima da sua audiência; com a tecnologia digital, ganha escala mundial e segue se adaptando para responder às questões demandadas pela sociedade.

Considerações sobre a relação ecológica

O objetivo deste texto, que está muito longe de esgotar qualquer levantamento em torno da produção acadêmica sobre rádio e mídias sonoras, foi analisar a trajetória das pesquisas por conta dos 30 anos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Em nossa observação, emergem três eixos – a história, a consolidação e a expansão – em investigações que dialogam com as mudanças no ecossistema da mídia, consolidando um posicionamento científico. Buscamos estas evidências na leitura de levantamentos periódicos realizados por integrantes do Grupo a respeito da própria produção científica, teses e dissertações, cartografias dos objetos, perspectivas teóricas e avaliações sobre o futuro.

Ao acompanharem as mudanças, os pesquisadores dão nova forma à presença do rádio na dimensão acadêmica e as mídias sonoras passam a existir como interface e linguagem. A primeira fase demandou por narração e registro da história. Muitos integrantes do GP reconhecem que o rádio, mesmo que tenha tido relevante papel no desenvolvimento do ambiente de mídia, não recebia o mesmo tratamento do jornal ou da televisão, por exemplo. A própria criação do GP da Intercom se mostrou como uma posição firme neste sentido. E os primeiros trabalhos realmente se voltam para a história.

Na sequência ampliam-se para as questões contemporâneas e a existência como mídia sonora. Reconhecem que as conexões estabelecidas e as transformações que o rádio é capaz de gerar devem ser estudados. Neste momento, chegam a uma etapa de maturidade e consolidação. A história segue sendo reconhecida, mas não mais como resistência e as múltiplas interfaces passam a ser pesquisadas. O grupo tem também inserção política consistente,

como nas discussões em torno da escolha do sistema de rádio digital no Brasil. E também define a construção de teorias do rádio e das mídias sonoras como objeto científico relevante.

Chega, nesse processo à ideia de expansão, com presença em contextos e plataformas diversas. Há o entendimento de que muitas linguagens têm origem no modelo radiofônico, formatos desenhados e capilarizados pelo rádio na sociedade. O áudio volta a ser reconhecido como parte importante na complexa trama que compõe o ecossistema e os estudos dão conta desta discussão. Os pesquisadores, mesmo entendendo que muito tem sido investigado, reconhecem que há desafios para as próximas etapas, relacionadas diretamente à presença do rádio e das mídias sonoras no ambiente da comunicação, das transformações sociais e da ampliação da diversidade de vozes. A próxima década, sem dúvida, desenhará outro eixo relevante, não mais envolvendo a sobrevivência do rádio ou das mídias sonoras, mas o seu papel em um contexto com relevantes questões sociais.

Referências

BOLTER, Jay David, & GRUSIN, Richard. **Remediation**: Understanding new media. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

CANAVILHAS, João. El nuevo sistema mediático. **Index Comunicación, Revista Científica de Comunicación Aplicada**, 1 (1), p. 13-24, 2011.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis, CAMPALANS, Carolina, RUIZ, Sandra, GOSCIOLA, Vicente (org.). **Periodismo transmedia**: miradas múltiples. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, p. 53-68, 2013.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **O valor de permanência do rádio**. Um estudo dos efeitos pela estética da recepção. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. Prefácio. In MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

DEUZE, Marc. **Media Life**. Cambridge: Polity Press, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. Prefácio. In MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.) **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. **Rádio-Leituras**, ano I, n.1, julho-dezembro, 2010.

HAUSSEN, Doris. **Rádio e política**: Tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

HAUSSEN, Doris. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 25, 2004.

HAUSSEN, Doris. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp.410-437, maio-agosto, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 40, n. 3, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; MUSTAFÁ, Izani. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.189-205, 2012.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**: extending the language of new media. New York: Bloomsbury Publishing Plc., 2013.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (org.) **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

MOREIRA, Sonia Virginia; DEL BIANCO, Nélia (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo, Rio de Janeiro: Intercom, UERJ, 2001.

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – O protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena, PRATA; Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e cenários**. Braga: CS Edições, 2015, v.1, p.219-238.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SCOLARI, Carlos Alberto. Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In SCOLARI, Carlos Alberto. **Ecología de los medios**. Entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Las leyes de la interfaz**: Diseño, ecología, evolución, tecnología. Barcelona: Gedisa, 2018.

SCOLARI, Carlos. Entrevista "Los nuevos, nuevos objetos" y la materialidad de la investigación de la cultura digital en América Latina. In: HIDALGO TOLEDO, Jorge, CUNHA, Márgda Rodrigues da, & BARREDO IBÁÑEZ, Daniel. Teorias e epistemologias da comunicação digital na América Latina. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, 2020, 19(34):174-180.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3)

STRATE, Lance. Studying media as media: McLuhan and the media ecology approach. **Media Tropes**, n. 1, p 127-142, 2008.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à ecologia das mídias**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. PUC-Rio, Edições Loyola, 2019.